

# Pelêja de Romano e Inacio da Catingueira



Preço da Casa 600 réis

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

Pelêja de ROMANO

E IGNACIO DA CATINGUEIRA

(COMPLETA)

Romano-Ignacio o que andas fazendo  
Aqui nesta freguesia,  
Quedê o teu passaporte,  
A tua carta de guia,  
No lugar onde eu habito,  
Negro fugido não pia,

Ignacio -- Seu Romano eu sou cativo,  
Não nego aquilo que sou,  
Quando vou para uma festa,  
Foi meu senhor quem mandou,  
E quando saio escondido,  
Ele sabe para onde eu vou.

R.---Ignacio deixa te disso,  
Não te posso acreditar,  
Pois eu tambem tenho negro,  
E só mando trabalhar,  
Como é que teu senhor,  
Vae te mandar vadiar.



I--Ignacio da Catingueira,  
Escravo de Manoel Luiz,  
Tanto corta como risca,  
Como sustenta o que diz,  
Sou vigario e capelão,  
E sacristão da matriz.

R.--Este aqui é o Romano,  
Dentaria de elefante,  
Barbatana de baleia,  
Força de triata gigante,  
É ouro que não mareaia,  
Pedra fina é diamante.

I--Ignacio da Catingueira,  
É negro desengonçado,  
Abre sacimba no seco,  
Da embaixo no molhado,  
Aperta sem troquez,  
Corta páu sem ter machado.

R.--Ignacio quero que digas,  
Aonde és morador,  
Se és casado ou solteiro,  
Eu quero ser sabedor,  
Se é ferro ou é cativo,  
Negro quem é teu senhor?

I.--Seu Romano eu moro longe,  
Habito nesta ribeira,  
Na casa do meu senhor,  
Coo-pro, vendo e faço feira,  
Sou um seu servo e criado,  
Ignacio da Catingueira.

R.--Sou como dois telegramas,  
Quando um sobe outro desce,  
Ignacio você me diga,  
Que eu nunca achei quem dissesse,  
Qual é a herva do mato,  
Que o proprio cego conhece.

I.--Corto o baralho onde quero,  
Dou carta e jogo de mão,  
No mato tem uma herva,  
Queima arde como o cão,  
O proprio cego a conhece,  
É ortiga ou cansanção.

R.--Qual é o transito na vida,  
Que mais nos pode apertar,  
Que até nos tira alegria,  
O geito de conversar,  
O somno durante a noite,  
A vontade de jantar.

I.--É quando morre a mulher,  
Ou quando morre o marido,  
Nosso pai e nossa mãe,  
Ou nosso filho querido,  
Quando chega em nossa porta,  
Um credor aborrecido.

R.--Ignacio tú tens cabeça,  
Porem juizo não tem,  
Um gigante nos meus braços,  
Aperto em mim não tem,  
Aperto em o braço do dedo,  
Faço virar um vietem.

L.--Pegar um gigante á mão,  
E não ficar ela cheia,  
Rebentar dobrão nos dentes,  
E não quebrar uma veia,  
Esse dobrão é de cêra,  
E esse gigante de areia.

R.--Ignacio da Catingueira,  
Falas como uma folhinha,  
Não quero escutar bobagem,  
Guarda a tua ladainha,  
Não és p'ra me dar conselhos,  
Quando tú ia, eu já vinha.

L.--Seu Romano eu p'ra cantar,  
Não preciso passaporte,  
É um dom da natureza,  
Um favor de minha sorte,  
Eu negocios de cantigas,  
Tenho feito muita morte.

R.--P'ra gente de tua marca,  
Não puxo por meu quicé,  
P'ra caça tão pequenina,  
Eu não armo o meu mondé,  
Cantador do teu calibre,  
Eu não pergunto quem é.

L.--No pilão que eu pizo milho,  
Pinto não come cherem,  
Eu não engordo capão,  
P'ra fazer mimo a niuguem,  
Da onde a gente não espera,  
Daí o perigo vem.

R.--Quem se mete p'ra meu lado,  
Pode jurar que se engana,  
Me corte que eu nasço sempre,  
Sou como sóca de cana,  
Eu não me enbaraço em mufumbo,  
Quanto mais em gitirana.

L.--Se você vê que não pode,  
Comigo é bom que se aquiete,  
Enquanto derrubar um,  
Eu despacho mais de sete,  
O que você faz de espada,  
Eu desmancho a canivete.

R.--Negro só bébe cachaça,  
Caboclo bébe canim,  
Não há pequeno inimigo,  
Não há amigo ruim,  
No lugar onde eu passar  
Não passa nem mucum.

L.--Tomara achar quem me mostre,  
Uma semana sem dia,  
Altar de igreja sem santo,  
Vigario sem freguesia,  
Moça nova sem namoro,  
E velha sem ser titia.

R.--Eu nunca vi filho unico,  
Que não fosse preguiçoso,  
Quem anda com guarda costa,  
Não é valente é medroso,  
O homem se faz por si,  
Ninguém nasce poderoso.



R.--Quem se melo p'ra meu lado,  
**I.--Há certa coisa na vida,**  
Que sendo realidade,  
Menino não quer leite,  
Soldado ter castidade,  
Moça passar dos trinta anos,  
E dizer direito a idade,

R.--Se você vê que não pode,  
**R.--Há muita coisa no mundo,**  
Que toda gente procura,  
É o dinheiro e bondade,  
Água fria e formosura,  
Cavalo bom e mulher,  
Requeijão e rapadura,

R.--Negro só bebe cachapa,  
**I.--Nunca no mundo,**  
Indigestar sem comer,  
Navio correr no seco,  
Atoleiro sem chover,  
Tirar páu pela raiz,  
Só eu vendo posso crêr.

R.--Tomara sebar quem me mostre,  
**R.--Ignacio fica sabendo,**  
Que eu sou rei nesta ribeira,  
Está me dando veneta,  
Fazer uma brincadeira,  
Eu quero mudar teu nome,  
De Ignacio da Catingueira.

R.--Eu nunca vi lillo unico,  
**I.--O senhor nunca me viu,**  
Franztr o couro da venta,  
Meu cabelo se arpuar,  
E a testa ficar cinzenta,  
Cantador quando me ver,  
Estria como agua benta.

R.--Patricio é cantador velho,  
**R.--As columnas de meu sitio,**  
Foram feitas de aço puro,  
Ao redor do sitio tem.  
Grossas paredes de muro,  
Tem lugar aonde um negro,  
Caindo fica seguro.

R.--Ignacio meu peso é grande,  
**I.--Os muros lá do teu sitio,**  
Com um sopro só, eu desmancho,  
Abra o olho e limpe a vista,  
Olhe a desgraça no rancho,  
E veja que o negro velho,  
Da-lhe serviço de gancho.

R.--Foi hoje que pude crer,  
**R.--Tenho pegado leão,**  
Que o ronco dele estremece,  
Tenho maltratado touro,  
Até que ele obedece,  
Já tenho acitado tudo,  
E nunca achei quem me desse.

R.--Meu negro você comigo,  
**I.--O patrão dono da casa,**  
Se ainda não se enfiadou,  
Peça que o povo se cale,  
Que quero mostrar quem sou,  
Quero dar hoje num homem,  
Que diz que nunca apanhou.

R.--Meu branco se o senhor diz,  
**R.--Ignacio, tú ignoras,**  
O que seja sacrificio,  
E nunca viste um encontro,  
De Romano com Patricio,  
Patricio é como relampago,  
Eu sou trovão inteiriço.

L.--Patrício é cantador velho,  
Já está muito abalisado,  
O senhor venha com ele,  
Chegue bem apadrinhado,  
E veja se não apanha,  
Padrinho com afilhado.

R.--Ignacio meu peso é grande,  
Com ele ninguém se ajuda,  
Eu quero dar-lhe um conselho,  
Veja você não se iluda,  
Caindo nas minhas unhas,  
Não vejo mais quem lhe acuda.

L.--Foi hoje que pude crer,  
Como o diabo é tirano,  
Como ageita as creaturas,  
E sabe fazer engano,  
Tanto fez, tanto mecheu,  
Que laçou sempre Romano.

R.--Meu negro você comigo,  
Não pode contar vitória,  
Porque faço-lhe um serviço,  
Que ficará em memória,  
Quebro-te as costas de pau,  
E as mãos de palmatoria.

L.--Meu branco se o senhor diz,  
Que ainda tem de açoiar,  
Deixe dessa tentação,  
Creia em Deus cuide em rezar,  
Eu lhe juro adeantado,  
Um homem só não me dar.

R.--Negro, eu canto contigo,  
Por um amigo pedir,  
Visto me sacrificar,  
Não me importa de o ferir,  
Encalco onde achar mais mole,  
E bato enquanto bolir.

L.--Meu branco, dou-lhe um conselho,  
Não cometa tal perigo,  
Peça a Deus que lhe retire,  
Desse laço do inimigo,  
Antes morrer enforcado,  
Do que pelejar comigo.

R.--Eu agarrô um cantador,  
Tiro-lhe dente por dente,  
Arranco a língua e os olhos,  
Deixo a caveira somente,  
Tiro-lhe o couro dos belços,  
Deixo ele assombrando a gente.

L.--Cantador nas minhas unhas,  
Quando se solta é cosido,  
Faço ele ir em lugar,  
Que nem urubú tem ido,  
Se escapar algum pedaço,  
Quando cae é derretido.

R.--Já passa de meia noite,  
E tú deves afrouxar,  
Depois teu senhor acorda,  
E manda-te procurar,  
Se não te acharem amanhã,  
Com certeza has de apanhar.



I.--Seu Romano eu sou um negro,  
Sinhá foi quem me criou,  
Meu senhor vê eu sair,  
Porém nunca me empatou,  
Eu que estou cantando aqui,  
Foi ele quem me mandou.

R.-E' o que diz todo negro,  
Ninguém deve acreditar,  
Eu também tenho escravo,  
Mando ele trabalhar,  
Quando estou fóra de casa,  
Ele só quer vadear.

I.--O que o sr. Romano diz,  
E' sempre um fato comum,  
Escravo de muitos homens,  
Passam semanas em jejum,  
Meu senhor tem vinte escravos,  
Senhor Romano so tem um,

R.--Negro cante com mais geito,  
Veja sua qualidade,  
Eu sou um branco e sou um vulto,  
Perante a sociedade,  
Em vir cantar com você,  
Baixei a dignidade.

I.--Essa sua frase agora,  
Me deixou admirado,  
P'ra vossa mercê ser branco,  
Seu couro é muito queimado,  
Seu nariz achatou ruito,  
Seu cabelo é agastado.

R. - Já faço tú te calares  
Não quero articulação,  
Vamos a geografia,  
Que chama o povo atenção,  
Veja se entende ou se pode,  
Me dar uma explicação.

I. -- Senhor Romano eu me lembro,  
O que meu senhor dizia,  
O mundo tem cinco partes,  
São: Asia e Oceania,  
America, Europa e Africa,  
Assim diz a geografia.

R. -- Então debes conhecer,  
Le Cabos, Estreitos, e mar,  
Os golfos as raças todas  
Deve estar de tudo ao par,  
Afina tua cachola,  
Lá vou eu te perguntar.

I. -- Patrão faça ponto aí  
Nesse embrulho é que eu não vou,  
Você quer que eu lhe diga  
O que ninguém me ensinou,  
A geografia é difícil  
Dela eu muito longe estou.

R. -- Eu bem conheci Ignácio  
Que a respiração te falta,  
Isso é bom para Romano,  
Que canta e não se dilata,  
De onde eu estou ninguém me tira  
Nó que eu dar ninguém disata.

I. — Vossa mercê nessa terra,  
Não passou nenhum revez,  
Desde pequeno que canta  
Em quatro, em seis em dez,  
Mas amarre com as mãos,  
Que eu desmancho com os pés.

--- FIM ---

RECIFE, 7-12-1939

**A SAIR:**

O ROMANCE

A LEI DO DESTINO

OU IMITAÇÃO DA VIDA



7475  
Pg 2  
3  
4  
5  
6

A VENDA: Na Rua do Nogueira  
— n.º 167--RECIFE —

*Demete-se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importancia do pedido para qualquer Estado do Brasil.*

A PERNAMBUCANA

de NIRO A. SILVA

*Clivos, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros*

Deposito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde.

Grandes descontos aos revendedores.

Mercado Modelo n.º 158 -- BAHIA

Tambem á venda na Rua Japeratuba  
n. 553 - Aracajú-Marcelino de Souza  
Blitencourt.

5NB